

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 10, A Doutrina do Inferno

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 10, A Doutrina do Inferno.

Certo, então falamos sobre uma série de dimensões da racionalidade da crença religiosa. Vimos argumentos teístas e algumas objeções a eles, e consideramos o problema do mal como a objeção mais significativa à crença teísta.

Agora, vamos falar sobre uma doutrina que, em si mesma, é considerada por muitos como um grande problema com religiões teístas, e essa é a doutrina do inferno. Algumas das questões que consideraremos são se a doutrina do inferno é moralmente problemática, quais são as diferentes visões do inferno que são afirmadas especificamente por teólogos cristãos e estudiosos bíblicos, e quais são os problemas e pontos fortes das várias visões.

Então, começaremos com uma objeção apenas ao próprio conceito de inferno por David Lewis, que é um dos metafísicos mais proeminentes do final do século XX. É interessante ver a natureza de suas críticas. Ele alega que, dada a doutrina cristã ortodoxa do inferno, Deus é culpado de perpetrar o mal ao torturar pessoas no inferno para sempre e com a máxima intensidade.

Lewis afirma que, dada a doutrina cristã ortodoxa do inferno, Deus é culpado de perpetrar o mal ao torturar pessoas no inferno para sempre, como observei, com a máxima intensidade, e que mesmo o ser humano mais maligno comete pecados finitos. Então, a punição dos condenados é infinitamente desproporcional aos seus crimes, ele afirma. Então, ele diz, o que Deus faz é infinitamente pior do que o que o pior dos tiranos fez.

Este problema, diz Lewis, tem sido um aspecto negligenciado do problema do mal, embora seja muito pior do que as versões padrão, que focam apenas no mal que Deus permite, em vez de neste problema do mal divinamente perpetrado. Pelo menos, como Lewis vê, isso é algo que Deus está fazendo aos seres humanos, em oposição a algo que trazemos sobre nós mesmos. Então, a visão tradicional do inferno, é claro, é que as pessoas vão parar lá porque viveram um certo tipo de vida, uma vida perversa, e esta é a punição máxima por sua maldade, ou que mesmo que tenham tido uma vida razoavelmente normal, isso ainda envolve uma certa quantidade de pecado, e então se não forem perdoadas, então o inferno é, em última análise, a punição por seus pecados.

Mas Lewis diz que mesmo dada essa ideia de que os seres humanos frequentemente agem imoralmente, ainda é inapropriado para Deus fazer as pessoas sofrerem no inferno, especialmente se isso continuar para todo o sempre. Então, ele discute uma série de respostas potenciais para o problema, começando com o apelo ao livre-arbítrio libertário, que tenta diminuir o problema apelando para a liberdade incompatibilista ou libertária. Deus permite que as pessoas, em última análise, escolham a salvação ou o inferno.

Então, a ideia novamente é que o inferno é uma escolha que as pessoas fazem, em última análise, e não para ser atribuída a Deus. Ele está simplesmente nos dando o que nossas ações, nossas ações livres, merecem. Sua resposta a isso é que ainda é terrivelmente injusto para Deus, como ele coloca, colocar as pessoas em uma situação na qual elas devem fazer um julgamento que as vincula por toda a eternidade.

Ele compara isso a um pai que equipa um berçário com objetos cortantes e dispositivos explosivos, o que é uma imagem bastante vívida e perturbadora. Mas por que Deus criaria pessoas para colocá-las em uma situação em que elas poderiam acabar em uma situação em que estariam sofrendo por toda a eternidade? Lewis vê isso como irresponsável. Além disso, ele diz que é questionável se a liberdade incompatibilista ou libertária é um valor supremo, certo? O ponto é frequentemente levantado que Deus considerou a liberdade humana tão importante porque ele queria um relacionamento com as pessoas e que valeria a pena o risco de as pessoas acabarem indo para o inferno.

Só para obter um mundo no qual você tem esse tipo de liberdade e esse tipo de possibilidade para um relacionamento, Lewis diz que não, não vale a pena. Esse tipo de liberdade não deve ser visto como o valor supremo por causa dos perigos que representaria. De qualquer forma, ele diz que Deus poderia deixar a liberdade incompatibilista intacta enquanto faz muito mais atração e incentivo do que ele faz.

Outra abordagem é apelar para diferentes interpretações do inferno. Especificamente, por exemplo, a ideia de que a condenação consiste, na verdade, no estado de ser insubordinado a Deus, em oposição a, digamos, tortura ou queimadura extremamente dolorosa ou excruciante, como muitas das imagens bíblicas diriam. Talvez seja apenas um estado de estar fora de sincronia ou insubordinado ou rejeitando Deus.

É um estado desagradável, mas não um tormento absoluto. A resposta de Lewis a isso é que essa não é uma compreensão justa dos tormentos do inferno como são retratados nas escrituras. Mesmo que essa fosse a natureza do inferno, um estado de insubordinação, o fato de que essa situação, essa condição, nunca poderia ser retificada é em si um problema.

Outra abordagem é a visão da punição finita. Alguns sustentam que as punições do inferno são finitas ou inexistentes. Por exemplo, a ideia de que Deus eventualmente incita arrependimento de todos no inferno é a visão restauracionista.

É uma forma de universalismo, sobre a qual falaremos mais tarde. Lewis responde que, dada uma visão compatibilista da liberdade, que é a visão de que a liberdade humana é consistente com um tipo de determinismo, Deus poderia ter evitado até mesmo uma punição limitada, garantindo que as pessoas não o rejeitassem. Em segundo lugar, mesmo concedendo que todos no inferno eventualmente se convertam, nessa visão, Deus ainda está preparado para continuar o tormento por toda a eternidade, e isso em si é um mal extremo.

E então você tem a visão universalista padrão, que diz que Deus não pune ninguém no inferno, nem é sua disposição fazer isso, certo? Todos são salvos; você não tem nenhum tipo de possibilidade de vida após a morte horrível. A resposta de Lewis para isso é que a natureza do horrível. Então, a doutrina do inferno deve ser afirmada pelos cristãos.

O fato de que a Bíblia se refere muito ao inferno é inegável, e é esse o ponto que ele está levantando aqui. Além disso, ele diz que se todos serão salvos, sejam crentes ou não, então qual é a utilidade da redenção cristã? E não é injusto que tanto os fiéis quanto os ímpios tenham o mesmo destino celestial eterno? O que é uma concessão interessante da parte dele. Aqui ele reclamou e criticou a visão porque essa é uma ideia tão sombria e aparentemente injusta de que as pessoas estariam sofrendo no inferno por seus pecados.

Mas agora ele insiste que pessoas virtuosas, assim como pessoas cruéis, acabariam com o mesmo destino. Que isso é de alguma forma injusto e não é uma visão apropriada da vida após a morte. Então, parece que ele quer as duas coisas.

De qualquer forma, essas são algumas das críticas de David Lewis, e acho que isso é um bom alimento para o pensamento para aqueles de nós que são cristãos ou outros teístas que afirmam a realidade do inferno. Aqui estão as visões padrão antes de falarmos sobre cada uma delas especificamente e, em seguida, os argumentos a favor e contra cada visão. Há a visão tradicional, que é a visão contra a qual Lewis mais se rebela.

Essa é a ideia de que os condenados sofrem tormento consciente eterno. Usarei essa frase repetidamente — tormento consciente eterno.

Isso foi afirmado pela grande maioria dos teólogos e filósofos cristãos, de Santo Agostinho até os dias atuais, assim como pessoas como Eleanor Stump, e falaremos sobre isso. E então há a visão conhecida como imortalismo condicional. Às vezes, é

chamado de aniquilacionismo, que é a visão de que aqueles que vão para o inferno sofrem lá por um período finito.

Talvez sejam milhares de anos. Talvez sejam apenas alguns meses ou semanas. Talvez seja diferente dependendo da extensão da maldade de uma pessoa nesta vida.

Mas em algum momento, o sofrimento no inferno para, e os condenados são aniquilados, obliterados. Eles retornam ao nada de onde vieram. Isso é imortalismo condicional .

Edward Fudge foi um conhecido defensor dessa visão. Ele escreveu um livro chamado *The Fire That Consumes* , e eu mantenho essa visão. E meu livro que publiquei em 2019 chamado *Hell and Divine Goodness* é a única, até o momento, a única defesa puramente ou principalmente filosófica do imortalismo condicional .

Eu falo sobre argumentos bíblicos, prós e contras no capítulo de abertura, mas o resto do livro é uma defesa filosófica da visão condicionalista . E então há o universalismo, que diz que no final, todos serão salvos. Pessoas como Thomas Talbot, Eric Wrighton e outros defendem essa visão, assim como teólogos como Robin Perry, que escreveu um livro chamado *The Evangelical Universalist* sob o nome de Gregory MacDonald.

Ele pegou esses dois nomes de Gregory of Nyssa e George MacDonald, usou-os como pseudônimos e, eventualmente, saiu do armário como um universalista. Mas essa é provavelmente a melhor defesa teológica do universalismo que já vi. Essas são as três visões, e cada uma delas teve proponentes significativos na igreja primitiva.

Os primeiros pais da igreja estavam divididos sobre essa questão. Você tinha o que se tornou a visão tradicionalista, a visão do tormento consciente eterno, bem como condicionalista e universalista representada entre os patrísticos. Mas então, com Santo Agostinho e sua afirmação do tormento consciente eterno, isso se endureceu em uma espécie de posição padrão na igreja cristã e tem sido assim desde então, embora tenha havido muitos outliers ao longo dos séculos na forma de condicionalista e universalista.

Há um site muito interessante e informativo chamado RethinkingHell.com que eu recomendaria. Ele é administrado por alguns condicionalistas , incluindo Christopher Date; acho que Glenn Peoples ajuda com isso. E há um infográfico muito útil e informativo chamado *Hell Triangle* que você pode conferir lá, que mostra as diferenças e alguns dos pontos de conexão das três visões. É muito útil ver como cada uma dessas visões é explicada e distinguida em um único gráfico.

Então, vamos primeiro falar sobre a visão tradicional do tormento consciente eterno. Como alguém pode defender essa visão? Novamente, Eleanor Stump é uma das defensoras recentes mais proeminentes dessa visão entre os filósofos. Ela perguntou como podemos reconciliar as torturas do inferno com o amor de Deus. Ela adota uma visão tomista sobre o assunto e fala sobre o relato de amor de Tomás de Aquino e como ele está conectado com a bondade de Deus.

De acordo com Stump, a visão de Aquino é que amar alguém é desejar o bem deles, que é desejar a realização de sua natureza. Quando você deseja o bem de uma pessoa ou coisa, você está desejando a realização de sua natureza. Para os humanos, isso é realizar sua capacidade de razão.

Então, amar um ser humano é promover sua prática de ações morais e adquirir um caráter virtuoso. Mas agora a doutrina do inferno eterno parece estar em desacordo com isso, não é? Então, como Aquino dá sentido a isso? Stump observa que primeiro precisamos esclarecer o que são o céu e o inferno para Aquino. O céu é, como Aquino coloca, ou pode ser Stump, um estado espiritual de união com Deus, o estado de livremente desejar apenas o que está de acordo com a vontade de Deus.

E isso implica que o inferno é a rejeição livre dessa união, que também é o ato máximo de irracionalidade. Somos seres racionais feitos à imagem de Deus nesse aspecto. Fomos feitos para a união com Deus.

Essa é a coisa mais racional. Então, rejeitar essa união com Deus é o cúmulo da irracionalidade. Ela diz que, entre aspas, como resultado de querer recorrentemente agir de uma forma contrária à sua natureza, os condenados, enquanto vivos, adquirem disposições básicas, fim das aspas, para a ação irracional.

Isto é, à medida que eles adquirem vícios e um elenco de caráter por meio de escolhas imorais livres ao longo do tempo, isso produz uma espécie de segunda natureza que é inconsistente com a união com Deus. Então, conseqüentemente, Deus trata os condenados, citando, de acordo com sua segunda natureza, a natureza adquirida que eles escolheram para si mesmos. Então a ideia é que, à medida que você vive sua vida neste mundo, você está escolhendo todos os dias, as escolhas que você faz, inferno ou céu.

Talvez, até certo ponto, uma mistura, certo? Se você vive uma vida principalmente virtuosa, mas escorrega de vez em quando, como todos nós fazemos, naqueles momentos em que você peca, essa é uma escolha infernal. E aqueles, por outro lado, que estão vivendo principalmente uma vida perversa ocasionalmente agem virtuosamente; isso é um gesto na direção celestial. Mas no final, a ideia é que você está predominantemente indo para um lado ou para o outro, em direção ao céu ou ao inferno.

A consequência de uma vida vivida de uma forma celestial ou infernal é um tipo de natureza que é adequada para um desses dois destinos na vida após a morte. Então, por que Deus não poderia simplesmente aniquilar as pessoas em vez de mandá-las para o inferno por toda a eternidade? Essa é uma espécie de questão condicionalista ou aniquilacionista. Stump observa que Aquino diz que essa não é uma opção porque isso seria erradicar o ser, que é sempre um mal.

Citação, na ausência de tal bem primordial, a aniquilação dos condenados não é moralmente justificada e, portanto, não é uma opção para um Deus bom. Além disso, ao isolar os condenados, Deus os impede de fazer mais mal e desintegrar ainda mais seu ser. Então, nesse sentido, essa é a conclusão irônica a que Stump está chegando aqui.

Nesse sentido, Deus promove o bem dos condenados e os ama isolando-os e impedindo sua completa obliteração, preservando-os em existência, mas então impedindo-os de fazer mais mal em qualquer que seja seu ambiente infernal. Então, é até mesmo uma expressão do amor de Deus, o que novamente é irônico. Então, isso nos deixa com algumas perguntas.

Uma é, como evitar o mal infinito, o sofrimento perpétuo e o vício não pode ser um bem primordial? Por que não seria bom evitar isso por meio da aniquilação ou mudando, em última análise, a segunda natureza dos condenados, a segunda natureza dos condenados e o inferno que eles adquiriram? Essa seria a questão universalista. E se Deus ama a todos, então ele busca a realização da natureza de todos. Então, sendo onipotente, por que ele não pode alcançar isso de novo? Por que ele não poderia transformar todos no inferno para restaurá-los e, em última análise, salvar a todos? Então, vamos nos voltar agora para o imortalismo condicional ou aniquilacionismo.

A visão é que os seres humanos não são naturalmente imortais, mas somente recebem a imortalidade de Deus como parte de nossa salvação. Essa ideia é que a vida eterna é um presente de Deus, e você não a tem automaticamente, apenas em virtude de ser humano. Mas, se você for salvo, então lhe é concedida a vida eterna.

Caso contrário, sua vida chegará ao fim na forma de aniquilação. Meu livro, *Hell and Divine Goodness*, é uma investigação filosófica, teológica, principalmente filosófica. É uma defesa filosófica da visão imortalista condicional.

Aqui estão alguns dos meus argumentos ao longo do caminho. O que é imortalismo condicional? Novamente, é a visão de que os seres humanos não são naturalmente imortais, mas somente recebem imortalidade ou vida eterna de Deus como parte de nossa salvação. A imortalidade é condicional à graça divina.

Aqueles que são salvos em Cristo vivem para sempre com Cristo, enquanto aqueles que são condenados sofrem no inferno por um período finito e são eventualmente aniquilados. Então, aqui estão alguns argumentos para o imortalismo condicional . Algumas das considerações bíblicas e filosóficas apoiam essa visão.

Uma é a extensa linguagem bíblica de destruição. Há uma série de passagens bíblicas que se referem aos condenados sendo destruídos ou perecendo. Mas, se eles vivem para sempre, então eles não são realmente destruídos.

Além disso, a imagem bíblica do fogo sugere a obliteração dos ímpios, já que o fogo consome quando queima. Em segundo lugar, há esses conceitos opostos de condenação e vida eterna nas escrituras. A vida eterna é prometida aos cristãos em oposição à condenação dos ímpios.

Mas, se os condenados vivem eternamente no inferno, então seu destino também é a vida eterna. É uma vida eterna dolorosa, mas ainda é uma vida eterna. Em terceiro lugar, a reconciliação de todas as coisas com Deus é um tema bíblico muito proeminente.

A Bíblia diz que Deus reconciliará todas as coisas consigo mesmo em Colossenses 1. Se os condenados viverem para sempre no inferno, então eles não serão reconciliados com Deus. Este também é um argumento para o universalismo. Mas, os condicionalistas podem dizer que, pelo menos na visão condicionalista , quando as pessoas são aniquiladas, não há ninguém lá para ser não reconciliado com Deus.

Todos os que permanecem vivos são reconciliados com Deus. Em quarto lugar, a passagem de Mateus 10.28, onde Jesus diz que Deus pode destruir tanto o corpo quanto a alma no inferno. Ele diz, não temam os humanos que só podem destruir o corpo.

Temam a Deus, que pode destruir tanto o corpo quanto a alma no inferno. Isso sugere que o inferno é de fato um lugar onde as almas são destruídas. Então você tem o conceito da segunda morte que é referenciado em Apocalipse 20 e 21.

Teólogos e estudiosos bíblicos debatem o que isso significa na visão condicionalista . A segunda morte se refere à morte da alma no inferno — finalmente, o argumento da justiça.

Se todos os condenados sofrem no inferno eternamente, então isso constitui uma penalidade infinita para pecados finitos, o que é profundamente injusto. Um sofrimento sem fim para pecados que são discretos e finitos. Esse argumento de justiça é realmente um argumento puramente filosófico, mas é um dos argumentos mais influentes em defesa da visão condicionalista .

Aqui estão alguns contrapontos à visão condicionalista . Objeções que foram feitas, especialmente, por tradicionalistas. Uma apela ao chamado princípio de status.

A ideia é que o status moral e metafísico da pessoa que é ofendida por nossos pecados, ou seja, Deus, determina adequadamente a punição apropriada neste caso, de acordo com o tradicionalista, que é sofrimento infinito ou sem fim. Se Deus é infinito e santo, então pecados contra Deus justificam punição infinita. Como resposta a isso, os condicionalistas frequentemente observaram que o tormento consciente eterno não alcança de fato punição infinita, já que os pecados dos condenados nunca são completamente punidos.

Se realmente somos culpados de uma ofensa infinita neste mundo e pecamos contra Deus, não podemos realmente sofrer infinitamente em nenhum momento no inferno na duração da carreira de alguém no inferno. Eles sofreram apenas finitamente e o sofrimento infinito nunca é alcançado. Então, ninguém pode realmente sofrer punição infinita se essa punição for entendida principalmente como sofrimento.

Então, sempre, ao que parece, nessa visão, sempre resta um mal moral pendente, algum pecado deixado para ser punido que não foi adequadamente punido. E se é pecado contra um Deus infinito, um Deus perfeitamente moral e santo, que nos torna infinitamente culpados e, portanto, culpados de mal infinito, então o que quer que fique impune por toda a eternidade é uma quantidade infinita de mal. Então, há um problema na visão tradicional que explica o triunfo final de Deus sobre o mal nessa visão.

Outra visão, que tenta justificar a punição sem fim dos condenados, apela para toda a ideia de pecado contínuo no inferno. De acordo com a tese do pecado contínuo, os condenados pecam perpetuamente no inferno, garantindo assim mais e mais punição. Eles estão sendo punidos por certos pecados passados em um momento específico; o tempo todo, eles continuam a pecar e, posteriormente, precisam ser punidos por esses pecados, e isso continua indefinidamente, eternamente.

Agora, os problemas com essa visão incluem o seguinte: Dada uma visão libertária da liberdade, parece que ainda seria possível para pelo menos alguns dos condenados pararem de pecar para que sua punição pudesse ser completada. Nesse caso, então, Deus deveria deixá-los sair do inferno, e alguns deveriam ser restaurados.

Em segundo lugar, essa visão, também, a tese do pecado contínuo, também implica mal moral eterno. Como as pessoas pecam para sempre no inferno, sempre há mais pecado para Deus lidar. Ele nunca vence completamente o mal nessa visão.

Há sempre um mal moral excepcional a ser punido. Então, ambas as concepções aqui, baseadas no princípio de status, bem como na tese do pecado contínuo,

enfrentam o problema do mal moral eterno. Ok, então agora vamos nos voltar para a terceira visão, a visão universalista, e falar sobre algumas das ideias de Thomas Talbot, autor de um livro chamado *The Inescapable Love of God*.

De acordo com Talbot, quando combinada com outras doutrinas cristãs, a doutrina da punição eterna cria contradições. Ele distingue várias formas diferentes de teísmo e defende o que chama de teísmo bíblico, que afirma um tipo de universalismo. Então, ele começa falando sobre o que chama de teísmo conservador, a ideia de que Deus ama cada pessoa criada.

Como é frequentemente dito, Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida, como um antigo folheto evangelístico colocou, a suposição é que, seja quem for, Deus o ama. Se esse é o caso, então Deus deve amar cada pessoa. É uma visão padrão nos círculos cristãos.

Em segundo lugar, essa visão teísta conservadora sustenta que Deus rejeitará irrevogavelmente algumas pessoas apesar desse fato e as sujeitará a tormento eterno. Então, algumas das pessoas que Deus ama muito serão atormentadas para sempre. Isso é problemático, de acordo com Talbot.

Ele diz que amar alguém é ser devotado ao melhor interesse de longo prazo. Mas se Deus se recusa a reconciliar algumas pessoas consigo mesmo, então ele não está agindo no melhor interesse de longo prazo delas. Como você pode estar agindo no melhor interesse de alguém se você está torturando-os por toda a eternidade ou permitindo que eles sofram infinitamente quando você poderia acabar com isso? Então, permitir tormento sem fim no inferno não é amar alguém, mas odiá-lo.

E Deus não pode parar de amar alguém porque o amor ágape é imutável. Em seguida, há o que ele chama de teísmo de coração duro, que rejeita a ideia de que Deus ama a todos e afirma que Deus ama algumas pessoas criadas, mas não todas as pessoas criadas. Deus rejeitará irrevogavelmente algumas pessoas e as sujeitará ao tormento eterno, especificamente aquelas que ele odiava.

Um problema com essa visão é que se a bondade amorosa é uma propriedade essencial de Deus, então a noção de que Deus não ama todas as pessoas criadas é necessariamente falsa. É impossível para Deus agir de forma desamorosa, e é por isso que, de acordo com Talbot, ele deve, em última análise, salvar a todos. Agora, se a bondade amorosa é uma propriedade acidental de Deus, alguém quer dizer que não é realmente essencial para Deus, mas é mais uma propriedade acidental ou não essencial de Deus, então há alguns outros problemas aqui.

Uma é que o amor de Deus por uma pessoa requer que ele ame todas as pessoas porque ele não pode amar uma determinada pessoa sem também amar todos aqueles que essa pessoa ama. Se Deus transformasse meu amor por uma certa

pessoa em ódio, então Deus estaria agindo desamorosamente comigo. Então, você tem uma série de tensões, ele diria contradições, dentro dessa visão.

Além disso, Deus ordenou que amemos os outros, até mesmo nossos inimigos. Se Deus age sem amor para com os condenados, então isso contradiz esse comando. Ele tem nos pedido para amar as pessoas que ele odeia.

Outra visão é o que ele chama de teísmo moderadamente conservador. De acordo com a visão moderadamente conservadora, como Talbot diz, Deus ama cada pessoa criada, mas algumas pessoas, apesar dos melhores esforços de Deus para salvá-las, finalmente rejeitarão Deus e se separarão de Deus para sempre. Então, ele fez tudo o que pôde para salvar os condenados, mas simplesmente não foi capaz de salvar certas pessoas.

Eles o rejeitam apesar dos esforços de Deus. Mas Talbot faz esta pergunta. Por que alguém no inferno com liberdade libertária continuaria a rejeitar Deus? E como isso poderia ser garantido por toda a eternidade em todos os casos? Talvez pudéssemos conceder que certas pessoas, as pessoas mais perversas, por causa desta segunda natureza tomista que elas criaram em si mesmas, ficam tão endurecidas que nem sequer têm a chance de considerar o arrependimento.

Mas isso se aplicaria a todos no inferno? Porque há liberdade libertária, se alguém acredita nisso, isso não abriria a possibilidade de pelo menos algumas pessoas no inferno dizerem, sinto muito, por favor, me perdoe, e finalmente se arrependerem? Além disso, a realidade do tormento dos condenados minaria a felicidade daqueles no céu. Esse é um tipo de problema separado. Na verdade, dedico a maior parte do capítulo final do meu livro sobre o inferno a esse problema da tristeza celestial.

Se alguém que você ama está no inferno, como você poderá ter paz real e alegria imaculada no céu, sabendo que aquele irmão ou irmã, mãe, pai, filho ou filha, ou bom amigo está no inferno? Isso não minaria a felicidade de alguém? Peter Geach, entre outros, abordou esse problema. Ele diz que Deus nos capacitará a ver a justiça de tal punição infinita por causa da corrupção moral dos condenados. E assim, nós apreciaremos a justiça disso, mesmo quando se trata de nossos entes queridos que estão no inferno, de acordo com Geach.

Outros fizeram um argumento semelhante, incluindo William Lane Craig e outros. A resposta de Talbot a isso é que ver a justiça da punição não nega a tristeza de que essa pessoa tenha permanecido tão corrupta. Só porque você sabe que, digamos, sua filha ou seu filho está na prisão por um bom motivo, se eles estavam traficando drogas, por exemplo, você não se alegra com a justiça disso.

Na verdade, você ainda está incomodado, profundamente perturbado por eles estarem na prisão, mesmo que eles mereçam. Então, só porque há justiça aqui não torna o fato de uma condenação. Menos triste.

Então, Talbot conclui que a única maneira de sair desses problemas com punição eterna é afirmar a aniquilação dos condenados ou a redenção universal da humanidade. Ele reconhece que o aniquilacionismo ou o condicionalismo resolvem esses problemas, ou pelo menos a maioria deles. Ele opta pela última visão, a visão universalista, observando que a promessa do apóstolo Paulo de que Deus reconciliará todas as coisas consigo mesmo em Cristo aponta nessa direção.

Então, sua visão é teísmo bíblico. Esse é o termo que ele usa para isso. Os condicionalistas e os tradicionalistas vão implorar para divergir com relação a essa terminologia e insistir que suas visões são teísmo bíblico quando se trata da doutrina do inferno.

Mas sua visão é que Deus ama cada pessoa criada e que todas as pessoas eventualmente serão reconciliadas com Deus e, portanto, experimentarão felicidade eterna. Universalismo é a visão de que, eventualmente, todos os seres humanos serão salvos e desfrutarão da vida eterna com Cristo. Ele diz que isso é compatível com a visão de que Deus punirá muitas pessoas após a morte.

Simplesmente não vai durar para sempre. Então, ele não está negando a realidade do inferno. Isso é algo que todas essas três visões afirmam.

A questão é quanto tempo dura? E alguém permanece no inferno por toda a eternidade? O inferno continua povoado? E quantas pessoas são salvas no final? São todos ou apenas alguns? O universalismo também pode ser aplicado a anjos caídos ou até mesmo ao próprio Satanás. Muitos universalistas sustentam que até o diabo é salvo no final. Vamos concluir apenas observando algumas passagens universalistas que são frequentemente citadas por universalistas.

Para aqueles que se perguntam por que estamos falando sobre universalismo como uma opção bíblica, como qualquer um dos patrísticos poderia ter afirmado essa visão? Muitos tradicionalistas, especialmente, estão curiosos ou céticos de que qualquer tipo de argumento bíblico poderia ser feito em defesa dessa visão. A que tipos de passagens um universalista apela? Bem, aqui estão algumas delas. 1 Coríntios 15.22 diz que assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados.

Colossenses 1:20 diz que em Cristo, toda a plenitude de Deus se agradou de habitar e por meio dele reconciliar consigo mesmo todas as coisas, tanto na terra como no céu, fazendo a paz pelo sangue da sua cruz. Keith DeRose, que é um filósofo em Yale e um filósofo cristão, diz que se alguém sofre no inferno para sempre ou é

aniquilado, então não está reconciliado com Deus. Este é um ponto de ênfase para DeRose, bem como para outros universalistas.

Romanos 5 Paulo diz que assim como a transgressão de um homem levou à condenação de todos os homens, o ato de justiça de um homem levou à absolvição e vida para todos os homens. Pois assim como pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um só homem muitos serão feitos justos. Observe o paralelo em ambos os versículos entre aqueles que caem e aqueles que são redimidos.

É tudo e tudo, e então é muitos e muitos. Romanos 11:32 diz que Deus aprisionou todos na desobediência para que ele seja misericordioso com todos. FF Bruce diz que o tudo, neste caso, significa todos sem distinção, não todos sem exceção.

Esta é uma distinção importante que os críticos do universalismo frequentemente fazem. DeRose diz que não temos razão para interpretar tudo dessa forma. Então, uma contra-resposta que os tradicionalistas ou outros não universalistas fariam é que não, nós temos muitas outras evidências bíblicas sugerindo a destruição final dos ímpios, o que reforçaria uma interpretação diferente de tudo do que os universalistas estão usando lá.

Romanos 10:9 diz que se você confessar com sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, você será salvo. E então, em Filipenses 2:11 e em outros lugares, somos informados de que toda língua confessará que Jesus é Senhor e presumivelmente confessará que Deus o ressuscitou dentre os mortos. Isso cria um silogismo que favorece o universalismo, a conclusão sendo que Deus salvará a todos, já que toda língua confessará que Cristo é Senhor.

A objeção padrão aqui, no entanto, é que para aqueles que confessam Cristo depois que morrem, será tarde demais. É um tipo de suposição que os tradicionalistas, assim como os condicionais, geralmente fazem de que você recebe oportunidades nesta vida, e então, após a morte, vem o julgamento. Hebreus 9:27 é tarde demais.

Também parece ser comunicado, pelo menos por meio de interpretações padrão, a respeito da parábola de Lázaro e o homem rico. É tarde demais. Você tomou sua decisão.

DeRose pergunta qual razão temos para acreditar nisso. Por que minha própria confissão nesta vida deveria ser vista como mais meritória do que isso? Ele diz que é uma linha de pensamento perigosa, pois implica que de alguma forma merecemos a salvação porque confessamos nesta vida. Então, argumentos pró e contra aí, mas essas são algumas das principais passagens pró-universalistas ou aquelas que são frequentemente tomadas com um sentido universalista por certos estudiosos bíblicos. Mas aqui está o problema persistente ou um problema persistente para o

universalismo, e esse são as muitas passagens bíblicas que enfatizam a destruição dos ímpios.

Em comparação, há muito poucas passagens que sugerem a redenção universal final. Então, no balanço, parece para mim e outros condicionalistas e tradicionalistas que a Bíblia está comunicando, em última análise, que alguns não conseguem no final. Nem todo mundo é salvo.

No entanto, passagens que parecem apontar para uma direção universalista devem ser levadas a sério e não apenas descartadas fácil e casualmente. Então, é um debate complexo. Há argumentos, prós e contras de todos os lados.

Podemos ver por que, na igreja primitiva, na era patrística, havia tanta discordância entre os teólogos cristãos. E acho que isso deveria nos fazer parar para pensar hoje. Seja qual for a visão que tivermos, não para sermos dogmáticos sobre ela, embora uma coisa da qual podemos ter certeza, falando biblicamente, é que o inferno é real.

É um destino horrível. Então, vamos fazer tudo o que pudermos para evitar esse destino — e nos voltar para Deus em Cristo e viver uma vida fiel o máximo que pudermos.

Então essa é nossa discussão sobre a doutrina do inferno.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 10, A Doutrina do Inferno.